

A característica singular do modelo é a sua capacidade de explicar o comportamento do mercado mundial de café, antes e depois da assinatura do Acordo Internacional do Café, pelos seus principais produtores, em 1.º de outubro de 1963. O modelo difere sensivelmente do concebido por Edmar L. Bacha.¹ Em primeiro lugar, é trimestral e baseado em observações muito mais numerosas que o de Bacha. Em segundo lugar, apóia-se decididamente numa teoria de oligopólio. Terceiro, visa mais à explicação do comportamento de todo o mercado cafeeiro do que à simples análise do impacto da política brasileira de preços sobre ele. Além do mais, o modelo aprecia o impacto do Acordo Internacional do Café sobre o mercado mundial. Realizou-se uma série de experiências simuladas de computação com o modelo, objetivando confirmar e testar os efeitos do preço mínimo de exportação do Brasil sobre três instrumentos para a formulação de políticas da Organização Internacional do Café (quotas de exportação, preços constantes dos indicadores e metas de produção). Os resultados dessas experiências simuladas estão resumidos no fim do estudo.

2. O mercado mundial de café: um oligopólio

A indústria mundial do café é constituída de um número limitado de fornecedores nacionais. Só o Brasil contribui com cerca de um terço a um quarto das exportações mundiais e é a força dominante do mercado mundial. Com exceção da Colômbia, nenhum outro país produtor detém muita influência no mercado.

Desenvolveremos, agora, dois modelos teóricos alternativos de equilíbrio do mercado. Em ambos admitimos a existência de um fornecedor predominante (o Brasil) e de uma série de outros menores. Ambos consideram os fornecedores como agentes de obtenção de lucro máximo. A diferença básica entre eles reside no grau de sofisticação com que o Brasil age como fornecedor predominante.

O primeiro modelo baseia-se na análise marginal costumeira. O Brasil, o oligopolista dominante, equaciona o custo marginal com a renda marginal para determinar o preço ótimo. O segundo modelo visualiza o Brasil como algo mais ingênuo (ou menos informado). Neste modelo, o Brasil é incapaz de avaliar a demanda; todavia funciona na base da suposição, em geral aceita, de ser a curva da demanda do café extremamente incliná-

¹ Bacha, Edmar L. An econometric model for the world coffee market: the impact of Brazilian price policy. Yale University, 1968. Tese de Ph. D não publicada.

ca sob ação dos preços. Tendo em vista a pressão baixista do excesso de produção, a estimativa inicial do Brasil do melhor preço é o vigente no período anterior. O Brasil procura evitar-lhe a redução abaixo desse nível. As evidências históricas confirmam a hipótese de que os produtores dos tipos "mild" e "robusta" vendem a maior parte da produção exportável aos preços correntes no mercado. Logo, o Brasil está ciente da reação dos seus competidores.

Num artigo acerca da teoria do oligopólio, em 1940, Stigler descreve um oligopólio composto de um grande produtor e numerosos pequenos produtores, muito semelhante à estrutura oligopolista da indústria cafeeira mundial.² A análise de Stigler baseia-se em duas suposições. A primeira é de que uma firma vende uma proporção tão elevada do produto que as outras (menores) ignoram, individualmente, qualquer efeito que possam exercer nos preços. A segunda suposição é que a firma predominante age passivamente, isto é, fixa o preço e, em seguida, atende à demanda restante, após as firmas menores terem vendido ao preço corrente todo o café que desejavam.

A primeira hipótese aproxima-se bastante da descrição da produção cafeeira atual. O Brasil é o principal produtor, e os numerosos pequenos produtores latino-americanos e africanos detêm, individualmente, uma influência nos preços muito reduzida (A Colômbia que, em certas ocasiões, fez sentir sua influência, constitui exceção). A segunda suposição também parece plausível. Numerosos economistas já notaram a tendência de o Brasil fixar o preço e depois agir como fornecedor residual, preenchendo a diferença entre a oferta latino-americana e africana e a demanda mundial. Os dados sobre a produção e a exportação confirmam este ponto de vista. A América Latina e a África apresentam tendência a exportar percentagem elevada e razoavelmente constante da produção. Por outro lado, as atividades produtivas e de formação de estoques no Brasil variam de modo sensível, embora suas exportações sejam razoavelmente estáveis.

A diferença mais importante entre o mercado cafeeiro e o oligopólio hipotético de Stigler reside na diferenciação dos produtos. As variedades brasileira, "mild arabica" e "robusta" diferem muito na qualidade. Historicamente, os seus preços têm variado de forma proporcional, refletindo a valorização normal dessas diferenças de qualidade. Por vezes, essas diferenças normais nos preços se alteram, mas as forças do mercado tendem

² Stigler, George. Notes on the theory of duopoly. *Journal of Political Economy*, 48: 522-4, Aug. 1940.